

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## MISCELLANEA FOLK-LORICA

XX

### Santa Iria

(Romance)

Estando eu a coser na minha almofada,  
Com agulha d'ouro e dedal de prata,  
Veio o cavalleiro pedindo pousada,  
Se lh'a meu pae dera estava bem dada.

Don-lh'a minha mãe, que muito me cus-  
tava,

Fui fazer a cama no meio da sala,  
Era meia noute, a casa roubada,  
De tres que nós eramos só a mim me  
levava.

Eram sete leguas, nem falla me dava,  
Lá para as oito é que me perguntava:  
—Lá na tua terra como te chamavam?  
Lá na minha terra era eu morgada,

Cá n'estas montanhas erei desgraçada.  
—Por essa palavra sorá degolada,  
Ao pé de um penedo sorás enterrada  
Coberta de rama bem enramalhada.

No fim de sete annos por alli passava,  
E todos que via lho perguntava:  
—Dizei-me, pastores, que guardaes gado,  
Que ornada é aquella que além bran-  
qujava?

E' de Santa Iria bemaventurada,  
Que ao pé d'un penedo morreu degolada,  
—Oh! minha Santa Iria, meu amor pri-  
meiro,  
Perdôa-me a morte, serei teu romeiro.

—Não te perdô-o, ladrão caruleiro,  
Que me degolaste, que nom um carneiro,  
Veste-te de azul, que é da cor do eeu,  
Se elle te perdôar, perdoar-te quero.

(Recolhido na Covilhã, em 1847,  
pelo sr. major Manoel José da Cos-  
ta e Silva.)

XXX

### Delgadina

(Romance)

Versão castelhana do romance n.º  
V, D. Silvana)

Tenia una vez un rey  
Trez hijas como una plata;  
la mais chica de las trez  
Delgadina se llamaba.

Un dia estando comiendo,  
Dijo al rey, que la miraba:  
—Delgada estoy, padre mio.  
porque estoy enamorada.  
—Venid, corred, mis creados,  
a Delgadina encerradla:  
si os pidisse do comer.  
Dadle la carne salada;  
y si os pide de beber  
dadle la hiel de retama—  
Y la encerraron al puato.  
Em una torre mui alta.  
Delgadina se assomó  
por una estrecha ventana,  
y á sus hermanas ha visto  
cosiendo ricas tohallas.  
—¡Hermandas! si sois la mias...  
dadme un vasito de agua,  
que tengo el corazon seco,  
y a Dios entrego mi alma!  
—Yo te la diera, mi alma.  
mas si padre rey lo sabe  
nos ha-de matar a entre ambas.--  
Delgadina se quitó,  
mui triste e desconsolada,  
A la mañana siguiente  
Asomó-se á la ventana,  
por la que vió a sus hermanos  
jugando un juego de cañas.  
—¡Hermandas! si sois los mios...  
por Dios, por Dios, dadme agua..  
que el corazon tengo seco  
y a Dios entrego mi alma!  
—Quita-te de ahí, Delgadina,  
Que eres una descastada;  
si mi padre el rey te viera,  
la cabeza te cortára.—  
Delgadina se quitó  
mui triste y desconsolada.  
Al outro dia apenas pudo  
llegar hasta la ventana,  
por la que ha visto a su madre  
bobiendo en vaso de plata.  
—Madre! si és que sois mi madre,  
dadme un poquito de agua,  
Que el corazon tengo soco  
y a Dios entrego mi alma.  
—Pronto, pronto, mis creados,  
a Delgadina dad agua,  
unos em jarros de oro,  
otros en jarros de plata.—

Por muy pronto que acudieran  
ya la hallaran muy prostrada  
A la cabecera tiene  
una fonte de agua clara;  
los angeles la rodean  
encomendando el alma,  
la Magdalena á los pies,  
cosiendole la mortaja:  
el dedal era de oro,  
y la aguja era de plata.  
—Las campanas de la gloria  
ya por ella repicaban.  
los cencerros del infierno  
por el mal padro doblaban.

(Recolhido na povoação dos Bens,  
ao pé da mina de S. Domingos, pe-  
lo snr. major Manoel José da Cos-  
ta e Silva.)

...X...X...

XXIX

### A pastorinha

(Romance)

—Deus vos salve, Rosa,  
Flor do alecrim,  
Linda pastorinha  
Que fazeis aqui?  
—Guardando o meu gado,  
Que anda por aqui.  
—Tire-se, menina,  
Do pé da ribeira,  
Tire-se, menina,  
Do sol que a queima.  
—Não me queima o sol,  
Que eu estou calejada,  
Do frio e da neve,  
E do rigor da calma.  
—Que linda menina  
Para guardar gado.  
—Já nasci, senhor  
Para este enfado.  
.....  
Va-se já embora,  
Não seja impertinente,  
Que vão vir meus amos  
Trazorem-se a merenda.  
—Seus amos não são bixos  
Que comam a gente;  
Por essas montanhas  
Correm grandes p'rigos.  
Diga-me, menina,  
Se quer vir comigo.  
—Meias e sapatos  
Tudo romperei,  
Amal-o a vossê

Isso é que não farei.

(Campo Maior.)

—  
XIV

(Romance)

### O conde d'Alemanha

(Segunda versão do romance n.º IX)

Já bate o sol na vidraça,  
Já lá vem o claro dia,  
Já o conde d'Alemanha  
Com a rainha dormia;  
Nem criados, nem criadas,  
Ninguém na côrte o sabia,  
Sabe-o D. Bernarda,  
Filha da mesma rainha.  
—Tu que o sabes, ó Bernarda,  
Não me queiras descobrir,  
Que o principe é muito rico,  
De ouro te ha-de vestir.  
—Não quero seu vestido d'ouro,  
Que eu tenho os meus do damasco  
Inda tenho meu pae vivo,  
Já me querem dar padraço;  
As manguinhas da camisa  
Eu não as chegue a romper,  
Se em meu pai vindo da missa  
Eu não lh'o fôr a dizer.—  
Palavras não eram ditas  
O rei á porta a bater.  
—Deus nos salve, senhor pai,  
Boa seja a vossa vinda,  
Que succedeu aqui um caso,  
Um caso que maravilha.  
Que tendes D. Bernarda,  
Que assim estaes agoniada?  
—Que hei de ter, ó meu pae,  
Estando no meu toar,  
Fiando ouro e tela,  
Veio o conde d'Alemanha  
Dois fios me quebrou d'ella  
—Cala-te D. Bernarda,  
Ninguém tal te ouça falar,  
Que o conde é muito novo,  
Fal-o-hia por brincar.  
—Mal o haja a sua brinca,  
Mais tambem o seu brincar,  
Que me pegou pela mão  
E á cama me quiz levar.  
—Cala-te D. Bernarda,  
Ninguém tal te ouça dizer,  
Que antes do sol se pôr  
O conde ha-de padecer.  
—Oh! que enterro é aquelle,

Quem vai alom a enterrar?  
 —E' o conde d'Alemanha,  
 Que meu pae mandou matar.  
 —Mal o hajjas tu, Bernarda,  
 Mais o leite que mamaste,  
 Sendo o principe tão bonito  
 A morte que lhe causaste.  
 —Cale-se senhora mãe,  
 Não me faça alcivosia,  
 Que a morte que o principe leva  
 Vossa alteza è que a mer'cia.  
 —Mal o hajjas tu, Bernarda,  
 Mais o leite que mamaste,  
 Sendo o principe tão bonito  
 A morte que lhe causaste.  
 —Cale-se, senhora mãe,  
 Não me faça arrenegar,  
 Que a morte que o principe leva  
 Inda vós a hav'reis de levar.

(Recolhido em *Elvas pelo sr. Jo-  
 sé Joaquim Ferreira, capitão de ar-  
 tilheria.*)

✠

(Romance)

### D. Felizarda

—Felizarda, Felizarda,  
 Felizarda, meus amores,  
 Quem me dera dormir ma noite  
 Entre vossos bastidores.  
 —Dormira uma, dormira duas,  
 Se não se fôra gabar,  
 A' mesa dos estudantes,  
 A' mesa do meu pae estar.  
 —Tenho feito juramento,  
 Nas cruces da minha espada,  
 Donzella com quem eu durma  
 De nunca ser diffamada. —  
 Ainda bem não era manhã  
 Já se tinha ido a gabar,  
 A' mesa dos estudantes  
 A' mesa de seu pae estar.  
 O pai que isto ouvia  
 Felizarda mandou queimar.  
 .....  
 .....  
 .....  
 —Já não tenho um criado  
 Que me valha em meus males,  
 —Aqui me tendes, senhora,  
 Para o que vos prestar.  
 —Vai-me levar esta carta  
 A Carlos de Montalvar,  
 Se o achares deitado

Deixa-o bem levantar,  
 Se o achares jantando  
 Deixa-o bem acabar,  
 Se o achares passeando  
 Vai-lh'a logo entregar. —  
 Em tão boa hora foi,  
 Que elle estava a passear.  
 —Novas lhe trago D. Carlos,  
 Novas de muito pezar,  
 A sua amada menina  
 Seu pae a manda queimar.  
 —Não se me dá que a queimem,  
 Nem que a vão já queimar,  
 Dasse-me só do seu ventre,  
 Que leva sangue real. —  
 Começou a ler a carta  
 Elle se pôz a chorar:  
 —O' criados, ó criados,  
 Meus cavallos a ferrar,  
 Com ferraduras de bronze,  
 Que se não possam gastar,  
 Jornada de cinco dias  
 N'uma noite se ha-de andar. —  
 Elle foi a um convento  
 Um 'scapulario foi buscar.  
 Lá no meio do caminho  
 A justiça via andar:  
 —Páre ahí, ó justiça,  
 Que eu a mando parar,  
 Que essa menina que levam  
 Ainda vai por confessar.  
 —Confesse-a senhor padre.  
 Em quanto vamos jantar.  
 —Confesse-se bem, menina,  
 Saiba-se bem confessar,  
 Que no meio da confissão  
 Um abraço me ha-de dar, —  
 —Não permita o Deus do ceu  
 Nem os santos dos altares,  
 Que onde Carlos pôz os braços,  
 De não os pôr nenhum frade.  
 —Confesse-se bem, menina.  
 Saiba-se bem confessar,  
 Que no meio da confissão  
 Um beijinho me ha-de dar.  
 —Não permita o Deus do ceu  
 Nem vossa paternidade,  
 Que onde Carlos pôz os labios  
 De não os pôr nenhum frade.  
 Ai! que pelo rir me parece  
 D. Carlos de Montalvar.  
 —D. Carlos sou eu, menina,  
 Que a venho aqui buscar,  
 Por uma porta saiu,  
 Pela outra ha de entrar.  
 Mande dizer a seu pae  
 Que a mande agora queimar,  
 Com este punhal de vidro

O hei-de atravessar.  
—Adeus casa de meu pae,  
Rouxinol canta ao meio dia,  
Eu tambem tenho um navio  
Prompto a partir para Hungria.

(Elvas).

XXVI

(Romance)

### Santa Catharina

Nos estados de Roma  
Houve certa creatura,  
Catharina se chamava,  
Filha d'um pérrro mouro  
E d'uma mãe arrenegada.  
Todos os dias que amanhecia  
Seu pae a castigava:  
Que deixára a lei divina  
E à maldade se pegára.  
—Como hei-de eu deixal-a,  
Se eu n'ella vivo desposada?—  
Logo seu pae mandou  
Fazer 'ma roda de navalhas,  
Metteu um leão dentro.  
A ver se a roda rodara,  
Tanto a roda rodou,  
Que o leão despedaçou;  
Metteu n'ella a Catharina.  
E logo o rodar parou.  
Lá vem um anjo a Noè,  
Com a cruz o mais a palma:  
—O' Catharina, ó Catharina,  
Tu á gloria és chamada.

(Campo Maior.)

XXVII

(Romance)

### Palmas verdes

#### A MULHER

Ai de mim! já fui amada  
Agora não o sou nem serei,  
Porque ou porque não,  
Isso é o que eu não sei.

#### O MARIDO

Eu na minha vinha entrei,  
Rasto de ludrão achei,  
Se provou ou não das uvas,  
Isso é o que eu não sei.

#### O REI

Eu na vossa vinha entrei,

Palmas verdes afastei,  
E juro-vos, á fé de rei,  
Que olhei p'r'ás vossas uvas  
E que d'ellas não provei.

(Villa Fernando)

XXVIII

(Romance)

### Frei João

Levantou-se frei João,  
N'uma manhã de geada,  
Abotoando os seus calções,  
Tocando em sua guitarra.  
Foi á porta da Aurora,  
Da aurora malfadada,  
—Abre-me a porta, Aurora,  
Pelas cordas da tua alma.  
—Como te hei-de abrir a porta,  
Frei João da minh' alma,  
Se tenho meu filho aos peitos,  
O meu marido á ilharga.  
—Quem é esse, mulher minha,  
Que contigo fallava?  
—E' o moço do forno  
Que pergunta se amassava.  
Se amassasse pão de leite  
Que lhe deitasse pouca agua,  
Se amassasse pão de trigo  
Uma pinga só bastava.  
Levanta te, marido meu,  
Vai fazer tua caçada,  
Que não ha melhor hora  
Que a hora da madrugada.  
—Levanta-te, mulher minha,  
Vae tratar da tua casa,  
Manda tuas filhas á fonte  
Com jarros de ouro e prata.—  
O marido que sahia,  
Ella mui bom se enfeitava,  
Bom sapato, bella meia,  
Que na perna lhe estalava,  
Foi á porta do convento,  
Por frei João procurava,  
Frei João assim que a via  
Em vez de correr saltava,  
Pegara-lhe pela mão,  
A' sua cella a levava,  
Dá-lhe copos de gela,  
E pratos de marmelada.  
Quando para casa voltava,  
C'o marido se encontrava:

(Continúa)

Antonio Thomaz Pires.